

Ruy Ventura

A cal para cair o universo

(cartas e quadras de Agostinho da Silva)



http://www.arquivors.com/ruy_acal.pdf

2007

A CAL PARA CAIAR O UNIVERSO (cartas e quadras de Agostinho da Silva)

por Ruy Ventura

1.

Contactei com Agostinho da Silva relativamente jovem¹. Não pessoalmente. Nunca o conheci pessoalmente. Mantivemos, apesar disso, um curto intercâmbio epistolar. Tudo partiu de uma iniciativa do poeta Nicolau Saião que, tendo lido um artigo que escrevi e li numa rádio em Portalegre sobre José Régio, achou conveniente e não despropositado eu enviar cópia desse texto a alguns amigos ainda vivos do autor de *Fado*, um dos quais Agostinho da Silva e a outra Matilde Rosa Araújo (felizmente ainda viva). Esse texto foi enviado. Esperava eu não ter *feedback* (como agora se diz...). Não pensava que o professor Agostinho da Silva fosse uma pessoa indelicada, mas considerava que uma pessoa mergulhada em pensamentos, muito mais importantes do que os de um jovem alentejano a escrever sobre José Régio, não teria tempo para responder. O facto é que obtive resposta. E durante cerca de um ano, um ano e meio, até pouco tempo antes de ele falecer, houve alguma troca de correspondência, troca essa que me enriqueceu bastante, porque não eram cartas meramente circunstanciais, mas cartas ou pequenos bilhetes que de uma forma concentrada e quase aforística transportavam sínteses e confirmações das leituras que eu fazia da obra do professor Agostinho da Silva.

Sobre vários assuntos comunicava nas cartas. Às vezes aproveitando o pretexto de alguma coisa que eu havia escrito nas minhas. Posso partilhar alguns extractos convosco.

Sobre a questão das comunidades linguísticas, das comunidades económicas e da integração europeia, a dada altura, em 1993, escreveu-me:

“A comunidade certa para Portugal tem agora início da parte do Brasil, que aqui delegou no Embaixador José Aparecido de Oliveira, e que é ainda imaginação dos do culto [do] Espírito que passaram às Américas no [século] XVI. Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa. Um dia iremos mais em frente e seremos uma Comunidade Mundial dos Povos de Línguas Ibéricas. Pense só na extensão disto. Veja só quanto mundo. Das Baleares a Timor, apesar de qualquer sentença contra Xanana². Capital? Cada um a tenha dentro de si – e, no mapa, a adore como lbe for próprio em todos os aspectos do concreto e do transcendente.”

De uma maneira muito resumida, concentra-se aqui todo um pensamento sobre as comunidades linguísticas e sobre a importância da língua como pátria.

Sobre a vivência interior e exterior – um problema que deveria mobilizar o pensamento de todos os humanos –, em determinado momento, perante uma certa desilusão que se notava nas cartas relativa ao seu “*apostolado*” (chega a dizer: “*em Portugal, já se escreveu bastante. Falta agir*”), usa uma máxima que passou a ser para mim, em conjunto com outras, quase uma regra de vida:

¹ Manteve-se, com pequenos ajustamentos, a forma oral da comunicação apresentada ao colóquio “*Agostinho da Silva e o Espírito Universal?*”, ocorrido em Sesimbra no dia 30 de Setembro de 2006.

² Na altura, Xanana estava preso numa cadeia indonésia.

“O fundamental é que não acabemos por dentro – e o que temos que estabelecer é como vamos viver num mundo tão complicado. Temos que viver plenamente por dentro e daí tirar a cal para cair o universo.”

Passou a ser quase uma máxima de vida para mim. Tirar da vivência do dia a dia a cal para cair o universo... A relação entre o individual e o universal...

O professor Agostinho, nesse ano e meio de intercâmbio, tinha grandes manifestações de humanidade. Uma pessoa que dedicava a sua vida à especulação filosófica, preocupava-se ainda com o facto de eu ter o meu pai internado no Hospital de São José, em Lisboa. E teve o cuidado, numa carta, de me perguntar com evoluía o estado de saúde dele, quando a minha referência ao facto havia sido meramente marginal.

Ainda sobre o pensamento dele e esses quase aforismos que escrevia, e que eu tive o privilégio de receber, vinha frequentemente à colação a religião, que era fundamental nele, aliás. Não só o culto do Espírito Santo, mas toda uma maneira própria de ver esses assuntos. A dada altura escreveu:

“Toda a religião que vale é apenas a crença que se pode ter seguido que não é demonstrável por matemática, e que é, quanto a mim, a Credibilidade Absoluta, aquilo que é totalmente o de que nós todos temos uma centelha, o sermos todos criadores, mais ou menos apreciados, o que não importa; seja como for, criemos. E para o enjoo que tanta vez o diário traz, o mesmo remédio que se usa a tudo [?]: Olhar o horizonte e escutar o grito da chegada, mesmo que o não haja.”

Com este enquadramento, a minha leitura dos textos dele (confesso que não sou um conhecedor muito profundo da obra do professor Agostinho da Silva... mas considero-me um leitor, que nos últimos catorze-quinze anos tem procurado sempre nunca o perder de vista) acabou por ser aclarada.

2.

Tinha eu dezasseis anos, um dos primeiros livros do professor que comprei foi um volume de quadras inéditas. Coisa que eu, na altura, com a minha ingenuidade natural de dezasseis anos, achei estranha, num pensador que eu já conhecia de uma conferência sua na escola secundária onde eu era aluno. Considerava estranho uma pessoa como ele dedicar-se a escrever quadras. Pensava eu, na altura, que as quadras serviam apenas como veículo natural para os poetas da minha aldeia e arredores, poetas orais que usavam e usam as formas fixas facilmente memorizáveis porque não têm outro meio para se exprimirem.

A pouco e pouco, a partir do momento em que comecei a ler essas quadras, cheguei a uma conclusão, conclusão essa que esqueci relativamente e, quando me foi lançado o repto para falar convosco, tentei relembrar e aprofundar. E a conclusão-convicção é esta: Quando um autor escolhe um veículo estilístico, não o faz por acaso. E tem um propósito. Sendo o professor Agostinho da Silva um autor, um filósofo, que gostava de insubordinar, que gostava de inquietar e de surpreender, querendo evangelizar os outros com os seus pensamentos e ideias, com as suas contradições (que as tinha), precisava de encontrar instrumentos válidos para esse objectivo. As suas metas, segundo me parece, não eram de

elitismo. Ele tinha, na minha opinião, como objectivo divulgar o seu pensamento entre todas as camadas da sociedade. Só assim poderia educar Portugal.

Agostinho da Silva deve ter tido consciência de que, ao usar um meio tão simples quanto as quadras (que o povo – as populações menos instruídas – reconhece facilmente também como seu), seria mais fácil levar as pessoas a entenderem melhor ou a aderirem melhor ao seu pensamento. Isto vai ao encontro de uma realidade apontada por uma grande estudiosa da literatura tradicional, Ana Paula Guimarães: por debaixo de vestimentas muito simples podem transmitir-se assuntos muito sérios.

Nesse livro, *Quadras Inéditas*, vários temas são focados. Passam pela sua autofiguração como poeta, vão ao entendimento da vida como poema, visionam Deus como um poeta, valorizam a imaginação, a interioridade, o mistério como elemento essencial de uma vida integral, reflectem sobre a relação entre o serviço e a autoridade, entre a aprendizagem e os mestres, sobre despojamento material, o estoicismo e a humildade. Falou-se aqui em franciscanismo; também está presente nalgumas das quadras do livro em questão.

Mas atenção. O fundamento que surge em todos estes textos é sempre a humildade, humildade que não é apenas falsa modéstia (não a tinha), mas a procura do húmus, daquilo que é mais verdadeiro e mais fértil no ser humano. Essa humildade levava-o, por exemplo, a dizer que não era poeta. Abre esse livro de quadras inéditas com esta estrofe:

*“Se estas quadrinhas não prestam
com certeza as compus eu
mas se boas foi poeta
além de mim que mas deu.”*

Refere, depois, quem é o Poeta para ele:

*“O mundo é só o poema
em que Deus se transformou
Ele existe e não existe
tal a pessoa que sou.”*

A vida, para Agostinho, está toda edificada enquanto poema, isto é, enquanto harmonia entre o conteúdo e a forma.

*“Tudo o que faço na vida
é só linha de poema
que cada um ordenará
conforme for seu esquema.”*

Há uma antevisão do que é a polissemia de quem escreve. Quem escreve tem de admitir que pode não ser entendido, que pode ser lido de outra forma. Existe quase uma visão anárquica do pensamento, pois as peças não têm que estar coerentes, dado que a coerência é atribuída pelo leitor.

Ainda em relação à questão de Deus como Poeta, o início de um poema seu sobre Fernando Pessoa é muito claro nas suas ideias:

*“O mito é o nada que é tudo
tem por mãe a poesia*

*e o grande poeta é Deus
o resto filosofia*

*mas Deus poeta e poema
em Pessoa se encarnou
profeta de Portugal
Lisboa o crucificou”*

Em toda a poesia de Agostinho – embora, como já referi, eu não seja um conhecedor de todos os meandros da sua obra – penso que existe uma grande valorização do “*imaginar*”, da criação de imagens, imagens essas que não têm de estar ligadas ao mundo concreto, mas são sobretudo fruto do pensamento humano, da racionalidade. Afirma:

*“A face oculta da lua
só banha de seu luar
aqueles que não o vendo
o sabem imaginar.”*

A realidade está para além do visível e do concreto, está sobretudo no imaginável. Quando o ser humano tenta tornar concreto aquilo que por natureza não o é, a realidade foge. Tem por exemplo uma quadra em que diz:

*“Em mim tenho o mundo inteiro
e mais que tudo as estrelas
é procurá-las no céu
o que me impede de vê-las.*

*É só bem dentro de nós
que o projecto se anuncia
se retoma se reforma
e se solta à luz do dia.”*

Procurar ver as estrelas é sinal de que elas fogem, pois são parte sobretudo do domínio da imaginação.

Em todas estas quadras de Agostinho da Silva há uma grande reflexão sobre a existência de Deus ou sobre o que ele pensava ser a íntima essência da divindade. Sem fazer comentários (cada um deverá fazer os seus comentários interiores), apresento-vos algumas das quadras que publicou sobre essa temática:

*“Se não sabes o caminho
e a sorte nenhum prefere
toma então pelo mais duro
é esse o que Deus te quer.*

*Acho que Deus não escreve
e também que Deus não fala
e que nos sustenta vivos
a vida que nele cala.*

*Dizendo que é só amor
fazes Deus menor que Deus
cercas o ilimitado
dos limites que são teus.*

*E venha filosofia
teologia que farte
o que se pense de Deus
é só de Deus uma parte.*

*Mais que a teu Deus sê fiel
ao que tu sejas de Fé
talvez o Deus que te crias
oculte o Deus que Deus é.*

*O mais simples alicerce
traz logo a casa traçada
se eu quiser chegar a Deus
começarei por ser nada.*

*Posso dizer-lhes de Deus
quanto queiram mas calado
aprovarão se há silêncio
mas se me escutam cuidado.*

*Se Deus quisesse ocupar
lugar a si mesmo igual
preenchia todo o nada
e o deixava tal e qual.”*

Sobre o Espírito Santo, cujo culto Agostinho considerava ser a essência da cultura portuguesa, tem uma quadra sintética e bem demonstrativa da sua posição:

*“Do que é o Espírito Santo
só diga quem fique mudo
que palavra há que me leve
àquele nada que é tudo.”*

Há sempre uma grande aceitação tanto do mundo transcendente quanto do mundo concreto, imanente, em que todos nós vivemos. Embora acredite na crença, esta tem sempre base na desconfiança, na dúvida. Só com o vencimento das dúvidas, das desconfianças, é que se chega à crença, sendo no entanto sempre uma crença imperfeita. Refere:

*“Do que é certo desconfia
do duvidar te enamora
é bom não saber de Deus
quem de dentro a Deus adora.”*

E o mesmo diz do mistério. Ao longo da História, por motivos naturais e aceitáveis, o ser humano tem tentado constantemente vencer os mistérios e os segredos. Andamos sempre em demanda de uma revelação dos segredos. Às vezes fazendo grandes disparates, diga-se de passagem... Agostinho escreve algo simples:

*“A minha alma é terra-a-terra
não ousa voar ao céu
por muito amor do mistério
e respeito de seu véu.”*

Existe um claro apelo ao respeito pelo mistério, aceitando a pequenez humana e a existência de dimensões no cosmos e no universo a que o Homem não pode chegar. Devemos portanto aceitar os segredos do mundo que nos envolve.

Indo para questões mais práticas, mais da vivência social, o pensamento que surge nas quadras é também claro. Há uma estrofe muito curiosa sobre a autoridade que, como toda a gente sabe, não é a mesma coisa que o autoritarismo. A primeira é formadora, enquanto o segundo é deformador. Sobre a autoridade diz:

*“A quem jamais me dá ordens
faço o que não apeteço
mas sou contra se alguém manda
pois sirvo, não obedeco.”*

É interessante: numa das cartas que recebi do professor Agostinho da Silva, ele falava num projecto peculiar. Passo a citar:

“E quem sabe se não seremos todos um dia de uma Ordem Geral dos Irmãos Servidores, que só daqui a muito[s], muito[s] anos tenha estatuto e cuja Regra essencial seja a de nunca mandar, mas servir, e com gosto e com agradecimento.”

Para terminar, queria ainda referir algo sobre a relação entre mestre e aprendiz nas quadras de Agostinho da Silva. Do que fui lendo ao longo destes anos, fiquei sempre com a sensação de que não era seu desejo a constituição de uma espécie de irmandade dos discípulos de Agostinho da Silva. Queria que nós pensássemos e pensássemos livremente – e só por esse caminho chegaríamos a algum lado, transformando-nos em melhores seres humanos. Sobre esse assunto há duas quadras no livro que tenho citado em que afirma o seguinte:

*“E não me chamem de mestre
sou apenas aprendiz
daquilo que me é o mundo
e do que sendo me diz:*

*Ninguém me chame de mestre
nem ter discípulos quero
que chegue cada um por si
ao nada ser que venero.”*

Temos, por fim, a sua percepção da morte. Como afirmei, troquei cartas com Agostinho já nos últimos tempos da sua vida. Sobre este assunto tem duas quadras muito elucidativas:

*“Não digas bom o prazer
nem chames ruim à dor
toma calmo teu assento
de tranquilo espectador.*

*Quando morre o que viveu
nada se desequilibra
força emana cá e lá
Deus a si próprio transmigra.”*

O pensamento do professor Agostinho da Silva ia no sentido de que todos nós somos uma espécie de átomos de Deus. Quando há um nascimento ou uma morte, há apenas uma transmigração entre seres. Não há uma verdadeira morte. Nunca poderia, portanto, entendê-la como algo de negativo.

O facto de nós estarmos aqui a falar sobre Agostinho da Silva, de estarmos aqui a transmitir uns aos outros leituras (quem sabe, erradas) da sua obra é uma maneira de fazermos também transmigrar o conhecimento dele, o seu pensamento. Pensarmos pela nossa própria cabeça, independentemente dos incómodos que isso possa causar aos outros e a nós próprios, é, penso eu, a melhor homenagem que podemos fazer ao filósofo.

ANEXOS

Correspondência inédita (seis cartas e bilhetes a Ruy Ventura)

1

[carimbo do correio – Lisboa, Patriarcal, 30.4.93; folha A4]

27.4.93

Meu prezado Amigo

Sua carta, tão preciosa por / seus originais, chegou mesmo e / muita alegria me deu, não só pelas / páginas sobre Régio como pelo seu pró- / prio e excelente Poema. Junto vão / as três Folhinhas de agora. Se / algum dia vier por Lisboa terei muito / gosto em que nos conheçamos e me pode / avisar pelo telefone 3424036, de / que chegará. De novo, muito / obrigado e um abraço a nosso Nicolau Sayão [sic]. /

Afectuosamente do /

A. /

2

[carimbo do correio – Lisboa, 24.5.1993; ficha bibliográfica]

22.5.93

Caro Amigo

O que escrevo é de todos – e / esteja por e para tal inteiramente / à vontade. Seu texto perfeito, e / muito grato pela transcrição. A / comunidade certa para Portugal tem / agora início da parte do Brasil, que / aqui delegou no Embaixador José Aparecido / de Oliveira, e que é ainda imaginação dos // do culto [do] Espírito que passaram às Américas / no [século] XVI. Comunidade dos Povos da Língua Portuguesa. / Um dia iremos mais em frente e seremos uma / Comunidade Mundial dos Povos de Línguas Ibéricas. Pense só na extensão disto. Veja só quanto / mundo. Das Baleares a Timor, apesar de qual- / quer sentença contra Xanana. Capital? Cada / cada um a tenha dentro de si – e, no mapa, / a adore como lhe for próprio, em todos os / aspectos do concreto e do transcendente. /

Afectuosamente do A./

3

[carimbo do correio – Lisboa, 13.7.1993; cartão]

13.7.93

*O fundamental é que / não acabemos por dentro – e o que / temos que estabelecer é como vamos / viver com mundo tão complicado. / Temos que viver plenamente por dentro / e daí tirar a cal para cair o / universo. Como vou, tento [?], acabar / as Folbinhas, tem o Amigo de escolher: // ou lbe devolvo a ajuda, que muito agradeço, / ou o seguinte, eu junto os 500 ao auxílio ou [...] ³ que estou prestando / ao Pelouro Social da Junta das Mercês, / o bairro onde moro. [...] / [...] com os melhores votos. /
A. /*

4

[carimbo do correio – Lisboa, 27.7.1993; cartão]27.7.93

*Querido Amigo /
Deve estar chegando à / sua mão uma Folbinha que / ainda tento [...] / [...] / As coisas tomaram agora o // caminho [...] / deveras principia pelas Juntas de / Freguesia, mais doravante junto / das populações. [...], em Portugal, / já se escreveu bastante. Falta / agir, não lbe parece? /
Afectuosamente, A. /*

5

[carimbo do correio – Lisboa, 14.8.1993; meia folha A4]13.8.93

*Irmão Ruy
E quem sabe se não seremos / todos um dia de uma Ordem / Geral dos Irmãos Servidores, / que só daqui a muito[s], muito[s] / anos tenha estatuto e / cuja Regra essencial seja a / de nunca mandar, mas / servir, e com gosto e com / agradecimento. As Folbinhas, / conto eu, não vão acabar, vão agora ser irregulares e decerto / aparecerão selos para elas se / valerem a pena, o que é discutível. / Está bem? Suas coisas e ideias / andando firmes? [...] /
do A. /*

6

[carimbo do correio – Lisboa, 22.9.1993; cartão]21.9.93

³ Leitura muito difícil. Todas as supressões de texto correspondem a espaços onde a caligrafia é praticamente ilegível.

Querido Amigo

Espero que, passado todo este / tempo, já não haja mais, com o / internamento de seu Pai, os pro- / blemas de que falou. Toda a reli- / gião que vale é apenas a crença / que se pode ter seguido que não é de- / monstrável por matemática, e que / / é, quanto a mim, a Credibilidade Absolu- / ta, aquilo que é totalmente o de que / nós todos temos uma centelha, o / sermos todos criadores, mais ou menos / apreciados, o que não importa; seja como / for criemos. E para o enjojo que tanta / vez o diário traz, o mesmo remédio que se usa a tudo [?]: Olhar o horizonte, e / escutar o grito da chegada, mesmo que o / não haja. O grande abraço do A. /